

16

COLECCIÓN DE
INVESTIGACIONES
EN DERECHO

John Steinbeck y la comunidad por venir


Alejandro Gómez Restrepo, Esteban González Jiménez, Fabio Leite de Castro
Guilherme Primo, Gabriel Augusto Tosse Anaya, Hernando Blandón Gómez
José Roberto Álvarez Múnica, Marlon Vargas Patiño, Óscar Alfredo Muñiz
Samir Ahmed Dasuky Quiceno, Sara Méndez Niebles

Esteban González Jiménez (compilador)



Grupo de Investigación
sobre Estudios Críticos
Proyecto de investigación
Gramáticas del conflicto y la paz





***Of mice and men
de John Steinbeck
em uma perspectiva negriana
Tendência migratória
e transitoriedade***

Fabio Leite de Castro¹

Guilherme Primo²

Introdução

A obra de John Steinbeck destacou-se como uma das mais importantes produções literárias norte-americanas do século passado, especialmente em razão dos livros que ele escreveu durante os anos 1930. Um aspecto central destes escritos é o modo como o escritor, com grande habilidade para ilustrar os regionalismos, soube retratar o modo de vida dos trabalhadores rurais da Califórnia, que viviam de forma precária e tinham de se conformar com um modelo de produção sazonal e suas implicações migratórias.

¹ Doutor em Filosofia pela Université de Liège, Professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCRS (Porto Alegre), Advogado.

² Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), Bacharel em Direito.

Nosso artigo toma como referência da obra de Steinbeck deste período o livro *Of mice and men*, de 1937, que narra de forma espontânea, em cinco partes e com diálogos estabelecidos à maneira de uma peça de teatro, a situação em que dois trabalhadores, George e Lennie, encontram duas vagas de trabalho em uma fazenda.

Nosso primeiro objetivo será apresentar alguns elementos que permitem contextualizar esta narrativa no período histórico em que foi escrita, a fim de melhor elucidar aquilo que ela retrata. Em seguida, colocaremos em relevo certas questões do texto, dando destaque hermenêutico, através da análise de algumas personagens, àquilo que aproxima ratos e homens.

Esse passo tornará possível examinar a história desde um olhar contemporâneo, cuja perspectiva será construída com base na obra de Antonio Negri, considerando especialmente os livros *Império* e *Multidão*. Mostraremos, a partir daí, que os trabalhadores como a dupla George e Lennie são referências paradigmáticas de um trabalho rural cuja propensão migratória corresponde a uma tendência hoje em extinção.

Por fim, tentaremos apresentar a possibilidade de interpretar *Of mice and men* a partir das categorias negrianas de transitoriedade e multidão. Pretendemos mostrar, assim, como essa narrativa é significativa para se refletir sobre formas de vida e de trabalho que estão profunda transformação no capitalismo globalizado.

1. Notas preparatórias a uma interpretação de *Of mice and men*

O período da segunda metade dos anos 1930 pode ser referenciado como crucial na obra de John Steinbeck, pois é nesse período que o autor conquista seus primeiros prêmios³ e um largo reconhecimento, primeiramente, na Califórnia e, em seguida, do público norte-americano. Especialmente o pequeno romance *Of mice and men*, de acordo com Warren French, “marca

³ Pela história humorística de *Tortilla Flat*, em 1935, Steinbeck recebeu o seu primeiro prêmio literário, a medalha de ouro da *Commonwealth Club of California*.

o fim do primeiro período da carreira literária de Steinbeck” (1961, p. 72). Com efeito, o livro supera todos os seus escritos anteriores e confere a Steinbeck amplo reconhecimento nos Estados Unidos. O autor parece ter encontrado e desenvolvido nele o estilo e o método da narrativa objetiva própria às peças teatrais e que será mais tarde explorado em outros de seus romances. Ainda, é através dessa história que o autor descobre uma forma de apresentar “a irônica percepção de que a maturidade significa a destruição dos sonhos” (1961, p. 72).

Of Mice and Men é o livro intermediário de uma “trilogia” sobre o trabalho agrícola na Califórnia durante os anos 1930. De acordo com Susan Shillinglaw (1994, p. 11), Steinbeck iniciou o manuscrito nos primeiros meses de 1936, logo depois de ter acabado a novela *In Dubious Battle*, e imediatamente antes de começar, ao final do mesmo ano, a pesquisa que resultou, em março de 1939, na publicação de *The Grapes of Wrath*, o seu livro mais famoso, sobre os imigrantes do *Dust Bowl* que se dirigiram à Califórnia.⁴

Durante esse período de grandes migrações, as tensões aumentaram entre o agronegócio do Estado e os trabalhadores agrícolas mal remunerados, oprimidos, quase invisíveis. As greves começaram no início da mesma década e líderes sindicais comunistas se mudaram para lá a fim de organizar os trabalhadores. (Shillinglaw, 1994, p. 11).

Durante 5 anos, de 1935 a 1940, trabalhadores exilados do sudoeste devastado pela seca entraram na Califórnia, atraídos pelo “sonho americano” e por uma expectativa mais concreta de trabalhar nos grandes campos do Estado californiano.

Mais de 350.000 exilados do Dust Bowl de Oklahoma, Arkansas e Texas chegaram à Califórnia na década de 1930, e o agronegócio do Estado simplesmente não poderia empregar todos esses refugiados, mesmo nos vastos territórios que produziram grande parte do suprimento de alimento da nação. (Shillinglaw, 1994, p. 12).

⁴ *O Dust Bowl*, ou “bacia de poeira” é o nome dado a um fenômeno meteorológico dos anos 1930 que afetou grandes regiões dos Estados Unidos e do Canadá, com várias ondas de tempestades de poeira e seca, provocando um desastre ecológico e rural.

A partir de meados de 1930 até 1940, quando muitos agricultores desempregados passaram a encontrar postos no crescente setor militar, os imigrantes moviam-se por todos os lados, em períodos sazonais, em busca de trabalho. O retrato desse episódio trágico da história social norte-americana encontra mais detalhes em *The Grapes of Wrath*, que descreve a vida de um fazendeiro e de sua família durante a interminável busca por um novo lar.⁵

A trilogia de Steinbeck não coloca tanto em relevo o caráter histórico e social dos acontecimentos e insiste mais em sua própria arte para descrever a agonia dos despossuídos (1994, p. 13). Nesse sentido, em um estilo compacto e objetivo, *Of mice and men* é um escrito único, o qual nos permite explorar a fragilidade do humano a partir de diversas dimensões que emergem dos contextos migratórios, como a miserabilidade, a exploração, o desencantamento, a solidão, a amizade e a solidariedade. O seu valor literário é inegável. Preparando o conjunto de uma obra ainda vindoura, o pequeno romance cumpriu o seu papel na indicação – e posterior obtenção – de Steinbeck, ainda que controversa⁶, ao prêmio Nobel em 1962. No *Discurso de Recepção*, pronunciado por Anders Österling, foi assinalado pela Academia Sueca que

há [em Steinbeck] uma tendência ao humor macabro que, até certo ponto, compensa seus temas muitas vezes cruéis. Sua simpatia se dirige sempre para o oprimido, o inadaptado, o infeliz; gosta de opor a alegria simples da vida à sede brutal e cínica pelo dinheiro. (Österling, 1969, p. 22).

Todos esses aspectos, que já estão certamente presentes em *Of mice and men*, resultam da abordagem do “pensamento não teleológico” ou “*is thinking*”, termo empregado por Steinbeck e criado pelo seu melhor amigo, Edward Ricketts. O termo “não-teleológico” enfatiza a necessidade de ver as coisas o mais claro quanto possível, no sentido de aceitar a vida em seus melhores termos, focando não no fim, mas no “processo da vida” (Shillinglaw, 1994, p. 13). Talvez a intenção de

⁵ Entre outros procedimentos para escrever *The Grapes of Wrath*, Steinbeck realizou três anos de entrevistas, viagens para o Central Valley e leituras de relatórios de acampamento do governo.

⁶ Sobre o tema, consultar STRÖMBERG, 1969.

escrever o romance na forma de uma peça adaptável tenha contribuído para desenvolver paulatinamente esse estilo.

Steinbeck tinha a intenção de fazer uma peça de teatro em forma de romance, com *Ratos e Homens*. Conseguiu-o, começando cada capítulo por uma espécie de introdução que situa o ambiente, passando logo rapidamente a diálogos apenas entrecortados de passagens narrativas. (Weber, 1969, p. 34).

Para ler essa história, é preciso guardar em mente, de certa forma, aquele que seria o seu título original – “*Something that happened*” – frase que apela, como afirma Shillinglaw, a uma “aceitação não julgadora” (1994, p. 10), representativa o efeito não-teleológico que antes assinalamos. Em *Of mice and men*, somos levados à trágica situação em que dois homens, cada qual com suas fraquezas, à margem de um mundo implacável, compartilham seu sonho de ter a sua própria porção de terra e são levados, inevitável e instantaneamente, ao desespero e à desilusão. São alguns aspectos peculiares destas relações que pretendemos colocar em relevo a seguir.

2. “*Something that happened*” – *Of mice and men*

A história se passa em um rancho na região de Salinas, na Califórnia. Steinbeck ele mesmo nasceu nesta região em 1902 e conheceu em sua infância o mais rico vale em agricultura. Durante seus estudos na *high school*, participou de colheitas, o que certamente contribuiu para que ele absorvesse as falas e os regionalismos dos agricultores. Muitos trabalhadores, provavelmente, assemelham-se às personagens George Milton e Lennie Small, a dupla que vai de rancho em rancho, procurando emprego conforme as oportunidades sazonais, fugindo das intempéries.

De acordo com Shillinglaw, o episódio que inspirou a narrativa provavelmente se passou em uma dessas fazendas (1994, p. 15). Trabalhando em um rancho na década de 1920, Steinbeck viu um homem enorme e perturbado matar um capataz do rancho, o que sem dúvida lhe deixou marcas. A um repórter do New York Times, em 1937, Steinbeck afirmou que

Lennie era uma pessoa real. Ele está em um asilo para insanos na Califórnia agora. Trabalhei ao lado dele por muitas semanas. Ele não matou uma garota.

Ele matou um capataz do rancho. Foi dolorido porque o chefe demitiu o seu amigo e enfiou-lhe uma forquilha no estômago (...) Eu o vi fazer isso. Não conseguimos detê-lo até que fosse tarde demais.” (1994, p. 15).

Após a crise de 1929 e o catastrófico *Dust Bowl* dos anos 1930, a cena migratória se notabiliza nos Estados Unidos por um movimento real de busca por trabalho, mas que se fazia mover igualmente pela busca de um sonho, pela busca da terra prometida. Para os negros, os peões desempregados e também para os proprietários de terras que tudo perderam, a região da Califórnia se mostrava, em seu imaginário, como um lugar de salvação, onde poderiam reiniciar suas vidas e ter alguma terra sua para plantar. O sonho durava até encontrarem na dura realidade das grandes plantações apenas um espaço de sobrevivência, onde dificilmente conseguiriam economizar algum valor e teriam de se manter migrando, em nomadismo.

Of mice and men – ratos e homens, homens que são como ratos. O título finalmente dado à história é, a nosso juízo, uma dupla metáfora. De maneira mais ampla, todos aqueles que se expõem às idiossincrasias dos ciclos de plantação terão um destino, aquele que a natureza e seus acidentes lhes compelir a ter. Todos aqueles que dependem dessa condição, terão um destino a enfrentar. No entanto, nunca sabemos quando e como esse destino terá o seu desfecho. A história dá indícios desde o início sobre o seu desenlace trágico, mas faz ao mesmo tempo o leitor aguardar com a esperança de que alguma solução será encontrada. Com efeito, o desfecho é dado por uma repentina decisão, depende desta decisão humana, ainda que desesperada. É aí que os homens mais se aproximam dos ratos.

Além disso, a metáfora apresenta um sentido mais concreto, pois, Lennie, de grande força e estatura, por sua deficiência mental assemelha-se ao rato que foi morto em suas mãos.

Na primeira parte da história, Lennie trazia consigo um rato, mas ao tentar acariciá-lo, emprega muita força e o mata. Assim como mata todos os animais que acabam em suas mãos. Ao final, seu amigo George se vê sem saída a não ser matar aquele a quem ele havia prometido cuidar, mas que produziu uma desgraça irreparável.

Se prestarmos atenção nas demais personagens da história, além da dupla George e Lennie, que caracteriza o eixo central do seu enredo, perceberemos

igualmente duas personagens que vivem em um contexto de desilusão, de isolamento e de discriminação. Candy, o velho aleijado que os recebe na segunda parte da história e que acaba aderindo ao seu sonho de comprar uma terra, não tem esperanças de continuar trabalhando no alojamento. Crooks, o negro que mora isoladamente em um quarto pequeno no estábulo, sofre não apenas fisicamente por suas costelas em razão da sua fratura, mas pela vida solitária e pelo preconceito a que é submetido.

Dois personagens parecem contrastar com as figuras de Candy e Crooks. São eles Carlson, uma mão importante do rancho (é ele que matará insensivelmente o velho cão de Candy e é a sua arma que George utilizará para assassinar Lennie), e Slim, o condutor de mulas, imagem do verdadeiro cowboy, “não um sonhador, mas um fazendeiro” (French, 1994, p. 78). Trata-se de dois complementos ao enredo, simbolizando, “em uma mão, o insensível e o brutal; na outra, a gentileza e a percepção” (French, 1961, p. 77). São igualmente Carlson e Slim que terão as últimas palavras do romance.

No entanto, todos eles estão submetidos ao dono do rancho e seu filho, Curley. Este último, habilidoso boxeador, porém de baixa estatura e inseguro, vive desafiando trabalhadores do rancho. Não dá maiores atenções à sua esposa, também ela submetida a uma vida solitária e a quem todos reputam adúltera. Não podemos saber se ela trairia Curley com Lennie, caso este não tivesse, por descontrole e um provável retardo, a assassinado. O que sabemos, por confissão, é que ela se sente frustrada em seu casamento, isolada, sem comunicação, sobretudo por ter abandonado seu sonho de ser atriz em Hollywood, mais uma faceta dos sonhos que se destroçam pela dura realidade.

Lennie dependia mais de George do que este de Lennie. Ao concordar em cuidar de Lennie, George tornou-se responsável por sua vida, tomando conta dele, respondendo por seu amigo, na tentativa de esconder os erros por ele cometidos. No entanto, quando a força bruta de Lennie põe em risco a sua própria vida, George percebe-se responsável também pela sua morte. Embora com dificuldade e relutância em seu desígnio, George decide pelo assassinato de Lennie. A diferença entre ambos é que Lennie, apesar da força bruta, não pode ser responsabilizado por seus atos, dada a sua inimizabilidade, enquanto George desiste conscientemente de se manter responsável e dar qualquer suporte à Lennie.

No entanto, é preciso fazer justiça à história. Segundo a interpretação de Warren French, se George tivesse permanecido impotente e visto Lennie ser destruído, o romance poderia ser considerado determinista. Porém, “George tem um desejo e ele o exercita para tomar duas decisões críticas no fim do romance – matar Lennie e mentir sobre isso”. (French, 1961, p. 74). George poderia ter assassinado Lennie para protegê-lo do linchamento da multidão, mas como ele não sabe o que iria de fato acontecer, talvez ele tivesse suas próprias razões para matá-lo. Steinbeck deixa claro que George tem imensa dificuldade em realizar o ato. “O que de fato George está tentando matar não é Lennie, que é apenas uma casca e está condenado a isto, mas algo nele mesmo”. (French, 1961, p. 75).

O fim da história é também o fim de uma idealização, fim de um sonho. Antes de tudo para Lennie, que paga o preço com sua vida, mas também para George, que resta *apenas* com a sua própria vida; para Candy, que havia se envolvido com o sonho de comprarem um rancho e, talvez, para Crooks, que possivelmente os acompanharia. Tudo ficará em seu lugar. Foi *algo que aconteceu*.

3. O crepúsculo do mundo camponês e sua transformação ontológica, a partir de Antonio Negri

Realizaremos, doravante, uma apreciação do livro *Of mice and men* apoiando-nos na obra de Antonio Negri, filósofo italiano que, ao longo de seus estudos, intenta reconstruir o conceito de classe com base numa leitura dualista da modernidade. Conforme o autor, a modernidade caracteriza-se por um confronto entre uma revolução imanentista, na qual o homem, ao contrário de ter negado a autoridade divina transcendente, afirmou, antes, os poderes *deste* mundo, descobrindo o plano da imanência.

De acordo com Negri, a afirmação de Duns Scotus de que cada entidade tem uma essência singular “subverte a concepção do ser como objeto de predicação analógica e, portanto, dualista – um ser com um pé neste mundo e outro num reino transcendente” (Negri, 2002, p. 89). Assim, “na cena do nascimento da modernidade europeia, a humanidade descobriu

seu poder no mundo e integrou essa dignidade a uma nova consciência de razão e potencialidade” (Negri, 2002, p.89).

No entanto, houve uma contrarrevolução, “de iniciativa cultural, filosófica, social e política que, por não poder voltar ao passado nem destruir as novas forças, procurou [...] transplantar a nova imagem de humanidade para um plano transcendente” (Negri, 2002, p. 92), representada, de certa forma, pelo racionalismo cartesiano e pelo idealismo kantiano.

De um lado, com a crise do imperialismo e as revoltas proletárias que deram início ao regime soviético e, de outro, com o advento da Constituição Americana e a transformação do conceito de soberania daí decorrente, Negri aponta para um aspecto tendencial do capitalismo de, doravante, procurar captar tais transformações e “esgotamentos” que lhe são intrínsecos, permitindo então a emergência de uma nova forma de soberania “imperial”.

Assim, se num primeiro momento um aparato político e cultural transcendentalizou o homem numa forma soberana, correspondendo-lhe, conseqüentemente, um modelo soberano de autoridade e definindo, assim, a dimensão ontológica do homem, hoje, na era do *Império*, conforme o autor, são justamente as construções imanentes da *multidão*, através do trabalho, que são cooptadas e capitalizadas, a partir de um aparente status de liberdade.

Com efeito, observamos que um dos aspectos centrais de *Of mice and men* se dá no delineamento de uma situação de transitoriedade muito comum à época, a qual redesenhou a relação ontológica entre o camponês e a terra. Ligada diretamente ao início da política do *New Deal*, e como resposta ao regime soviético que se consolidava cada vez mais, os Estados Unidos recuam em seu projeto expansionista, possibilitado pela sua abertura constitucional, centrando-se numa espécie de “anticomunismo” e modernizando sua economia.

Na esteira dos processos de modernização da agricultura – tanto no regime soviético, a partir da coletivização da terra e da aposta numa economia de escala, quanto nos países capitalistas, como nos Estados Unidos, onde, no início do século XX, o mercado decretou a inviabilidade da produção

agrícola em pequenas propriedades – a relação do homem do campo com a terra, então, passou por uma transformação profunda.

No primeiro caso, a coletivização da terra e da produção, apoiada num processo de modernização, modificou a forma singular de trabalho e de vida que caracterizava o camponês de outrora: submerso então numa produção agrícola fabril, a simbiose entre o homem, a terra e seus elementos (a água, o solo, o ar, a luz do sol), ou, de um modo geral, a imagem arquetípica do camponês que produz para o seu próprio sustento e de sua família, longe dos grandes centros industriais e alheio como classe econômica, tanto em relação ao proletariado, numa leitura marxista, quanto às demais classes, numa visão liberal, tendeu (e ainda tende) a perder espaço aos poucos, recuando para o pano de fundo da agricultura em sua totalidade.

De outro lado, a privatização das terras nos países capitalistas, consolidando a propriedade em grandes fazendas e corporações da agroindústria, transferiu maciçamente a população rural para áreas urbanas, despejando-os de suas relações socioculturais e inserindo-os numa abrupta nova realidade.

Assim é que podemos analisar, na obra de Steinbeck, essa transitoriedade tão característica do camponês do início do século: “a fazenda familiar e todos os produtores agrícolas independentes de pequena escala rapidamente desapareceram. Como a família Joad, em *As vinhas da ira*, de John Steinbeck, os fazendeiros foram forçados a deixar suas terras e a se virarem da melhor maneira que podiam” (Negri, 2005, p. 162).

Acostumado a uma rotina de migração de fazenda em fazenda, em busca de trabalho e abrigo, o homem do campo despojava-se de sua relação única com a terra; agora nômade, o camponês deveria estar pronto para as adversidades que poderiam apresentar-se: logo no início do livro vemos George e Lennie buscando água, lenha e cozinhando produtos enlatados, acampando e carregando consigo apenas itens básicos de subsistência. Mais adiante, outra cena chama atenção: George questiona Candy acerca de um veneno para piolhos que outro camponês havia deixado na prateleira que, momentaneamente, era sua.

A conjuntura de crise e a consolidação do capitalismo monopolista criaram uma situação histórica bastante similar no que diz respeito às incertezas e à instabilidade com relação ao porvir. Havia uma “estrutura de sentimentos”

[...] cujo fulcro era histórico, sendo, portanto, partilhada por diversos escritores como sentimentos socialmente construídos. Sentimentos como confusão, ira, medo, incerteza, desespero, pessimismo, angústia e indignação foram alguns dos que vicejaram nessas condições sociais como uma reação ao conjunto de transformação que se operava na sociedade estadunidense. (Kölln, 2013, p. 202-203).

De modo geral, a obra como um todo retrata esse processo centrífugo que caracterizou o camponês a partir de então, não mais como uma figura clássica, proprietário da terra e subsistente; desenraizado, era agora nômade, destituído de grandes posses e projetando novas formas de vida.

Conforme Negri, também podemos constatar tal transformação a partir de um ponto de vista cultural: grande parte da literatura moderna europeia, até os séculos XIX e XX, centrava-se no mundo camponês e, principalmente, nas formações sociais daí decorrentes, reforçando a naturalidade dos arranjos sociais tradicionais - como as divisões de classe, relações de propriedade e produção. “Na realidade, os camponeses propriamente ditos não eram tão importantes na literatura europeia quanto a vida rural tradicional, na qual eles, como a terra, desempenhavam o papel de um pano de fundo natural e estável” (Negri, 2005, p. 165). O homem do campo, bem como o conjunto de valores e a estrutura social que a ele correspondia, continuou na literatura europeia, porém sob a forma de nostalgia dos tempos idos.

Contudo, essa nostalgia chegou ao fim. Autores e artistas transferiram-se, com o fim do modelo camponês, para formas primitivas e míticas de representação, redescobrimo, com o declínio do campesinato, “um passado antigo e imemorial, uma espécie de primitivo eterno da psique, do mito ou do instinto. D. H. Lawrence, T. S. Eliot e Michel Leiris, juntamente com Paul Gauguin, Henri Matisse e Pablo Picasso [...] adotam formas primitivas de existência e ser como elementos de suas construções estéticas” (Negri, 2005, p. 166).

Se, por um lado, o movimento modernista na arte e na literatura europeia moveu-se em direção ao primitivo, por outro lado, a história da antropologia transitou na direção oposta, indo do primitivo para o camponês.

Seguindo a periodização antropológica estabelecida por Michael Kearney, em *Reconceptualizing the peasantry: anthropology in global perspective*

(1996, 23-41), Negri aponta para a divisão binária entre o *self*-europeu outro-primitivo que caracterizava a antropologia nascente ao fim do século XIX e que, mais tarde, em meados do século XX, fora substituída por outra formação binária, entre o *self*-europeu outro-camponês. Um aspecto importante desta mudança é a nova concepção de alteridade daí decorrente, pois, enquanto a antropologia olhava para o primitivo como um outro completamente diferente e estranho, a figura do camponês como paradigma antropológico aparece como familiar e próxima, “reduzindo-se com esta mudança o grau de alteridade” (Negri, 2005, p. 166).

A partir daí o questionamento que, por enquanto, subjaz tal análise da transformação ontológica do camponês e de suas relações com a terra, a qual buscamos interseccionar com o presente estudo da obra de Steinbeck, diz respeito às fragilidades das relações no campo e às incertezas pelas quais aqueles trabalhadores que, como ratos, estavam sujeitos, assim como às adversidades da natureza. Investigar as características da literatura estadunidense na época de Steinbeck é, conforme Kölln (2013, p. 201), “compreender como a materialidade do processo histórico, metamorfoseada, se incrusta nas construções ficcionais, as quais traduziram os conflitos presentes no seio da sociedade estadunidense daquele período”.

A sociedade estadunidense passava por drásticas mudanças econômicas, que se manifestavam sob várias formas na tessitura mais elementar da realidade. O desenvolvimento econômico capitalista circunstanciava mudanças que se espalhavam tanto na organização econômica, quanto também na hierarquia social, nas práticas culturais e na vida cotidiana, sendo sentidos e observados sob as mais variadas formas pelos sujeitos que habitavam nessa realidade. [...] a realidade histórica marcada pelo desenvolvimento do capitalismo monopolista colocou os escritores em contato com um tempo de transformações pujantes e particularmente visíveis pela conjuntura de crise.⁷

⁷ “O contato dos escritores com esse mundo em transição, longe de torná-los iguais ou limitados, ensejou o retrato de dramas e tragédias em diversos contextos sociais, [...] porque as forças históricas em curso penetravam nas mais diversas camadas e estratos sociais, tanto coletiva quanto individualmente, objetiva e subjetivamente”. (Kölln, 2013, p. 201).

Com o declínio de um “campesinato primeiro” e de toda sua carga cultural e política, seria possível transpor George e Lennie para o presente contexto político e entendê-los da mesma maneira? Em outras palavras, o trabalhador rural de hoje pereceria das mesmas condições que as personagens principais da trama, ou existiriam condições de entendê-los como potenciais formas de vida numa conjuntura econômica de capitalismo globalizado? Hoje, com o nascimento de uma antropologia global, não mais apoiada no par conceitual contraditório entre identidade e diferença, não somos mais obrigados a escolher dizer “eles são diferentes de nós” ou “eles são iguais a nós”. “Em vez disso, somos uma multiplicidade de formas singulares de vida e *ao mesmo tempo*⁸ compartilhamos uma existência global comum. A antropologia da multidão é uma antropologia da singularidade e da partilha” (Negri, 2005, p. 172).

4. Transitoriedade e multidão: George e Lennie como paradigma de uma tendência

A figura do camponês retratada por Steinbeck, então, já não pode ser encarada do mesmo modo como o fora anteriormente. Como explica Negri, a definição geralmente aceita do campesinato, ligada a uma imagem conservadora e milenar do camponês em estreita relação com a terra, não deve ser confundida com a definição de camponês; nem todos os agricultores são camponeses, sendo o camponês uma figura histórica, que remete a uma determinada maneira de trabalhar o solo e produzir num contexto específico de relações sociais, e que um dia desaparecerá.

Significa dizer que, ainda que a produção agrícola continue existindo, bem como a vida rural, suas condições mudaram e, como sustenta o autor,

se tornam comuns com as da mineração, da indústria, da produção imaterial e de outras formas de trabalho, de tal maneira que a agricultura se comunica com outras formas de produção, deixando de constituir uma forma de

⁸ Grifo do autor.

produção e de vida qualitativamente diferente e isolada. Assim como todos os demais setores, a agricultura torna-se cada vez mais biopolítica. (2005, p. 159).

Ainda que as numerosas formas singulares de vida e de trabalho se diferenciem, elas compartilham condições comuns de existência e, dessa forma, a figura do camponês hoje tende a tornar-se uma categoria menos distinta das demais, indicando uma “tendência mais geral de socialização de todas as formas de trabalho” (Negri, 2005, p. 170).

Assim, George e Lennie, que carregam em suas viagens não apenas o peso da transitoriedade e da não fixação num só lugar, mas também a fragilidade da solidão e da companhia um do outro, expressam a figura do peão de fazenda que migra de um lugar a outro em busca de dinheiro para sobreviver e desfrutar de pequenos prazeres na cidadela mais próxima; entendidos como fazendo parte de um conceito de classe econômica – o camponês – representam aquela figura de outrora, isolada e incomunicável politicamente com as demais formas de trabalho urbanas⁹.

Essa propensão migratória, então, corresponde às formas sociais da época em que acontece, denotando uma *tendência*: na medida em que a produção capitalista e a sociedade capitalista mudaram, já não podemos, conforme Negri, seguir o método marxista, devendo adaptar-nos ao mundo social contemporâneo, tendo por base o entendimento de que, na medida em que a história avança e, conseqüentemente, a realidade social também, as velhas teorias deixam de ser aplicáveis. “Para seguir o método de Marx, assim, devemos nos afastar das teorias de Marx, na medida em que o objeto de sua crítica [...] mudou”. (Negri, 2005, p. 189).

Steinbeck, que presenciava as dificuldades dos trabalhadores agrícolas do Vale de Salinas, talvez hoje não pudesse retratá-los da mesma forma, pois, na medida em que a agricultura se comunica com as mais diversas formas

⁹ “na medida em que a identidade dos seus interesses não gera entre eles nenhum fator comum, nenhuma união nacional e nenhuma organização política, eles não constituem classe nenhuma. Por conseguinte, são incapazes de fazer valer os interesses da sua classe no seu próprio nome, seja por meio de um Parlamento, seja por meio de uma convenção. Eles não são capazes de representar a si mesmos, necessitando, portanto, ser representados.” (MARX, 2011, p. 143).

de trabalho, a figura do peão já não é capaz de sustentar a tendência da socialização das mesmas. Assim, explica Negri que

[..] as lutas de cada setor tendem a transformar-se na luta de todos. As lutas mais inovadoras dos agricultores hoje em dia, por exemplo, como as da Confederação Camponesa na França e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil, não são lutas fechadas e limitadas a um único setor da população. Elas abrem novas perspectivas para todos, em questões de ecologia, pobreza, economia sustentável e na realidade em todos os aspectos da vida. (Negri, 2005, p. 170).

Com a emergência do *Império*¹⁰ e as transformações do trabalho produtivo, tendendo este a se tornar, cada vez mais, imaterial, devemos, portanto, “desenvolver uma teoria política que possa propor o problema desta nova acumulação capitalista de valor no centro do mecanismo de exploração” (Negri, 2002, p. 48). Cada forma de trabalho continua sendo singular na sua concretude, sendo, portanto, cada tipo de trabalhador diferente dos demais. Contudo, o ponto principal das análises de Negri é procurar explicitar um substrato comum de trabalho, aonde todos essas singularidades participam conjuntamente, em rede, sendo “a linguagem a forma principal de constituição do comum; e quando o trabalho vivo e linguagem se cruzam e se definem como máquina ontológica, é então que a experiência fundante do comum se verifica” (Negri, 2004, p. 23).

Sendo assim, tomando-se George e Lennie – a partir dos estudos negrianos do conceito de *multidão*, derivado do conceito de classe em Marx –, como singulares da *multidão*, é possível considerar que eles faziam parte de um poder constituinte comum, sendo o valor do trabalho entendido socialmente, e não determinado pelo capital com base em individualidades concorrentes. A *multidão*, como conceito de potência, tende a transformar-se, continuamente, em novas formas de vida, antagonizando um confronto de efetivação e constituição do poder com o *Império* que, utilizando-se da dissolução das formas de disciplina social da modernidade, abarca todas as dimensões da vida numa biopolítica.

¹⁰ Para um estudo aprofundado do conceito, ver Negri, Antonio; Hardt, Michael. *Império*. Tradução de Berilo Vargas, 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Considerações finais

A partir de uma contextualização e de uma releitura de *Of mice and men* de John Steinbeck, intentamos construir uma análise ontológica que relacionasse as fragilidades do modo de vida dos trabalhadores rurais de Salinas – em sua maioria migrantes que procuravam trabalho de fazenda em fazenda, em busca de sobrevivência e à deriva – e o conceito de *multidão* negriano. Com isso, buscamos relacionar a literatura social de Steinbeck aos aspectos tendenciais do capitalismo de sua época.

Com efeito, há uma correspondência entre a modernização da agricultura e o declínio ontológico do camponês, então desvinculado da terra, enfrentando as dificuldades de seu nomadismo constante. Steinbeck, procurando ressaltar a dimensão de agonia e miserabilidade dos despossuídos, colocou em evidência a vulnerabilidade da vida daqueles trabalhadores com os quais pôde conviver, permitindo-nos, através de sua escrita, um melhor entendimento da fragilidade do humano a partir das diversas dimensões que emergem do contexto migratório.

A partir daí, pudemos observar que, através de um novo paradigma antropológico, com o declínio do camponês e a emergência de uma antropologia global, Negri pôde situar a reconstrução do conceito de classe, antes tributária de um paradigma moderno e centrada, fundamentalmente, num congelamento dos preceitos marxistas, desvinculada da noção geral de tendência que, conforme Negri, está presente nos escritos de Marx, denotando seu caráter transitório como sistema fechado de aplicação de tais preceitos.

George e Lennie, então, expressam a situação da classe camponesa no período retratado por Steinbeck, incomunicável e politicamente passiva. Para Negri, então, faz-se necessária uma atualização da concepção marxista de classe, tendo em vista as transformações pelas quais o sistema capitalista passou, devido a algumas balizas históricas, como o advento da Constituição Americana e o fim do regime soviético; com efeito, a classe, hoje, estaria, conforme o autor, situada num substrato comum do trabalho que corresponderia ao “não-lugar” do *Império*.

Referências

- French, Warren. (1961). *John Steinbeck*. New Have: Twayne.
- Kearney, Michael. (1996). *Reconceptualizing the peasantry: anthropology in global perspective*. Boulder, Colorado: Westview.
- Kölln, Lucas. (2013). *O mundo dos trabalhadores nas obras da década de 30 de John Steinbeck*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon.
- Marx, Karl. (2011). *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo.
- Negri, Antonio, Hardt, Michael. (2002). *Império*. Tradução de Berilo Vargas, 4ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- Negri, Antonio, Hardt, Michael. (2005). *Multidão*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record.
- Negri, Antonio. (2004). “Para uma definição ontológica da multidão”. *Lugar comum*, nº19-20, p. 15-26.
- Österling, Anders. (1996). “Discurso de Recepção – pronunciado por ocasião da entrega do Prêmio Nobel de literatura a John Steinbeck no dia 10 de dezembro de 1962”. *Coleção dos Prêmio Nobel de Literatura - Vol. John Steinbeck*. Traduzido por Edison Carneiro. Rio de Janeiro: Delta.
- Shillinglaw, Susan. (1994). “Introduction” in Steinbeck, John. *Of mice and men*. Londres: Penguin.
- Steinbeck, John. (1994). *Of mice and men*. Londres: Penguin.
- Strömberg, Kjell. (1969). “Pequena história’ da atribuição do Prêmio Nobel a John Steinbeck”. *Coleção dos Prêmio Nobel de Literatura - Vol. John Steinbeck*. Traduzido por Edison Carneiro. Rio de Janeiro: Delta.
- Weber, Brom. (1969). “Vida e obra de John Steinbeck”. *Coleção dos Prêmio Nobel de Literatura - Vol. John Steinbeck*. Traduzido por Edison Carneiro. Rio de Janeiro: Delta.